



O ARDIL DOS POLÍTICOS

FLORESTAN FERNANDES

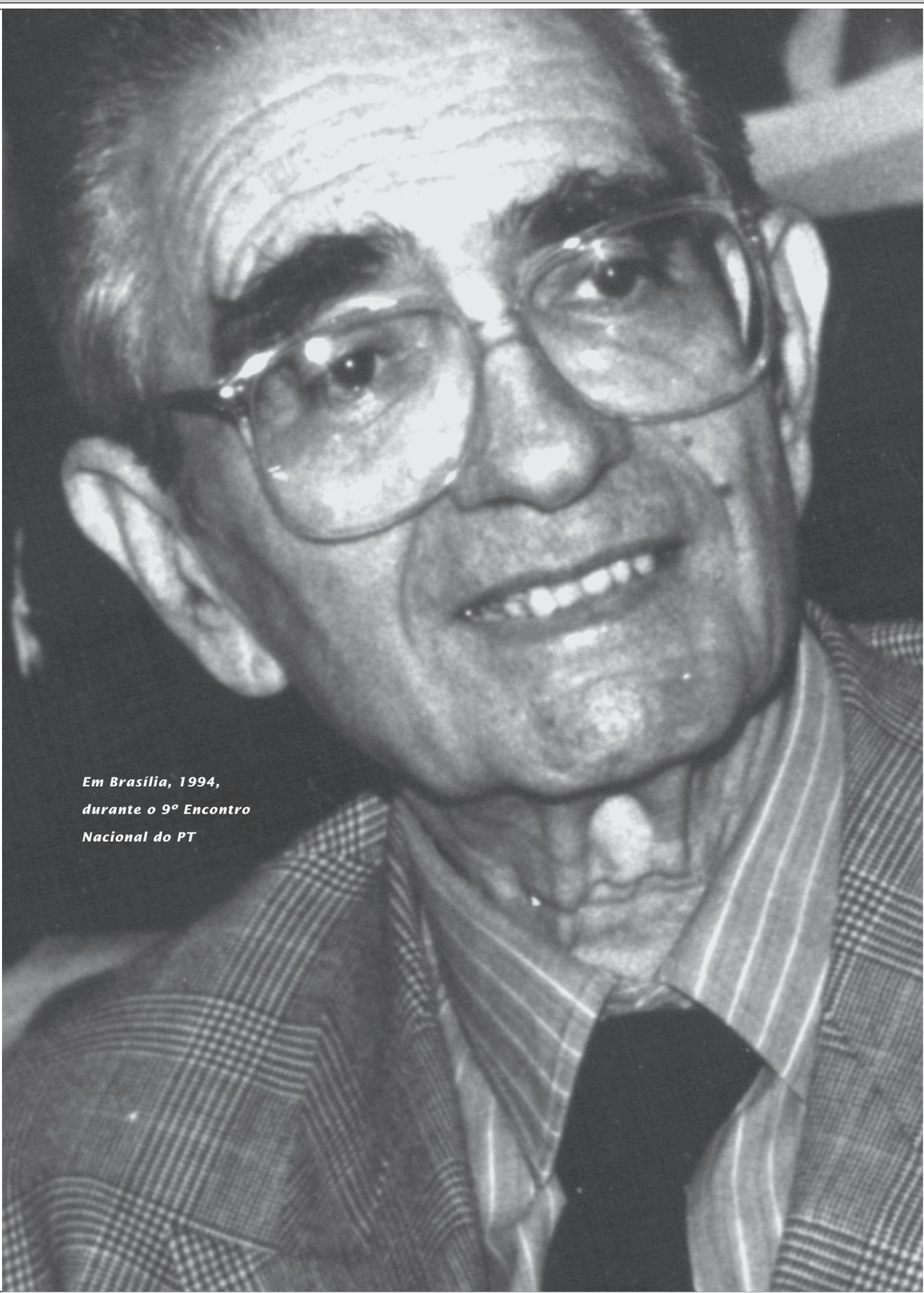
Nada soa mais falso que um político profissional querer passar-se como não sendo “político”. Um curriculum completo faz fé. Alguém que se dobrou à ditadura, prestou-lhe serviços (e foi por ela recompensado), anuiu ao papel de escudeiro de Paulo Salim Maluf e engalanou-se com o seu reconhecimento de valor, fruto do PDS em sua fase de “maior partido do Ocidente” e agente da sua atividade, com uma carreira que abrange postos no Legislativo e no Executivo, jamais poderia retratar-se como o avesso do político. Não há memória histórica no Brasil e essa circunstância favorece a circulação de mentiras nada convencionais.

Porém, toda opção im-

plica um preço político e ideológico. Realizá-la e negar-se ao crivo da verdade define o pior tipo de oportunismo político, que infelizmente grassa em nossa terra como tiririca. Porque repousa em um profissionalismo político tradicionalista, o qual confere ao político a liberdade de prometer tudo, de recorrer ao clientelismo, ao paternalismo, ao mandonismo e, conforme as condições conjunturais, ao populismo e à demagogia – e depois dar o dito por não dito, curvando-se ao reacionarismo, ao conservadorismo, ao culto narcisístico do ego e do poder. Sujeito diligente da reprodução da ordem, da associação entre arcaico e

moderno, assim se caracteriza o perfil do político tradicionalista brasileiro, servo de sua

Este texto foi publicado originalmente na Revista USP nº 3, em 1989, pp. 143-4.



*Em Brasília, 1994,
durante o 9º Encontro
Nacional do PT*

grei e de seus próprios interesses ou alvos pessoais.

Penso que é impossível interpretar a posição do sr. Fernando Collor de Mello de outra maneira, de uma perspectiva psicossociológica. O politicismo cansou o povo, repugna os cidadãos revoltados contra a manipulação do poder estatal. O candidato assumiu o antipoliticismo e lançou-se à arena eleitoral como ferrenho adversário do politicismo, ignorando sua longa e comprovada vocação politicista. Combater Sarney não é, nos dias que correm, a única virtude – nem mesmo a principal virtude – de um candidato à Presidência que deva merecer uma escolha refletida. Nenhum político autêntico pode deixar sem resposta o que significa o Estado de *transição prolongada* (e isso importa em condenar um governo desacreditado e seu chefe nominal). No entanto, o sr. José Sarney Costa e o sr. Fernando Collor de Mello não são apenas “farinha do mesmo saco”. Ambos estão congenitamente presos a um provincianismo constrangedor e aparecem, apesar das animosidades recíprocas, como irmãos siameses na arte da política tradicionalista. Não que um revele, hoje, o que o outro será amanhã. O dilema é mais grave. Ambos são portadores de uma mentalidade política análoga e refletem um molde comum, do qual jamais poderia nascer um estadista e que tem infestado o Brasil como uma praga devastadora. Desse ângulo, um se contrapõe ao outro no estilo dos desentendimentos provincianos e da ordem das bicadas: o espaço histórico não comporta os dois, enquanto seus objetivos forem divergentes. Depois... Ora, depois, pior para nós!

É trágico que semelhante figura seja fisgada para a produção em massa da imagem do candidato ideal à Presidência. Ficamos de novo atados aos arcaísmos do passado remoto e recente. Se a farsa continuar e conseguir êxito, perderemos mais uns dez ou vinte anos de nossa história, sem falar que a transição lenta, gradual e segura permanecerá garantida em suas bases político-administrativas indefinidamente. Não haverá a sonhada ruptura com o estado de coisas existente e tampouco a necessária revolução democrática se instaurará com a rapidez indispensável. Continuaremos no mais ou menos, nas ilusões de mudanças iminentes, que sempre serão proteladas, para “garantir a paz social”. Em suma, através desses espécimes de pró-homens improvisados as elites das classes dominantes fazem fria e calculadamente o seu jogo, como se fossem capazes de *criar história*. Quando o povo descobrir o engodo, será tarde e as mesmas artimanhas serão reativadas sob outros artifícios mais

atraentes, agora graças à modernização e à “cultura da comunicação em massa”. Será tudo tão simples? O povo nunca passará de bigorna a martelete? E quando isso transcorrer, que cabeças rolarão, que interesses de classes terão de ser soterrados, que mundo social acabará destruído? O uso e o abuso de técnicas sociais ultrapassadas envolvem riscos insondáveis, em um certo momento, e as forças sociais que constroem a história de uma nação com desenvolvimento capitalista desigual não estão à venda nem podem ser controladas a partir de um centro inviolável de poder. Se fosse assim, não haveria Revolução Russa, Revolução Chinesa ou Revolução Cubana. “Se arrependimento matasse”, as elites cegas e parálicas diante dos enigmas históricos enfrentados por seus estamentos ou por suas classes e por suas nações ainda exerceriam o monopólio do poder, da riqueza e da cultura...

Voltemos ao tema deste artigo. É cedo para dizer quem sairá vencedor nas próximas eleições presidenciais. Porém, não possuímos a cultura cívica e a estabilidade política dos Estados Unidos e do Canadá para “pré-fabricar” presidentes ou primeiros-ministros, como se fossem sabonetes, perfumes ou roupas da moda. “Fabricar um presidente”, nas condições concretas do Brasil atual, constitui uma ação irresponsável e temerária. Dadas as minhas convicções políticas, deveria escrever exatamente o inverso. Mas, por que provocar riscos prematuros e explosivos, que não servirão para nada, a não ser para conter os ritmos de nosso desenvolvimento econômico, tecnológico e cultural? Para que fomentar saídas ilusórias, que aumentarão o desespero dos de baixo e sua exasperação, decuplicando o desamor ao País e o ódio à política, em troca de nada? Não é ainda certo que a forjicação de um candidato pré-fabricado prepondere. Todavia, para se instaurar uma democracia com dois pólos contraditórios ativos, um burguês e outro operário, temos de apagar páginas amargas e demolir hábitos e técnicas de dominação política ou de hegemonia cultural que são por si mesmos destrutivos (e, ainda mais, aniquiladores por seus efeitos e continuidade). Nada tenho pessoalmente contra o sr. Fernando Collor de Mello. Entretanto, desde criança aprendi pela experiência o que significa sua prática e sua fraseologia vazia “antipoliticistas”. Temos de enveredar por caminhos novos – desafiar o presente e o futuro. As ambigüidades e as astúcias dos políticos que pretendem pairar “acima das classes” bloqueiam tais caminhos e nos condenam ao caldeirão fervente de uma ordem social fechada dentro do mundo sem humanidade de sua imensidão de iniquidades.